

O sucateamento da educação no Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

LUIZ CASSEMIRO DOS SANTOS

A crise econômica deflagrou uma série infinita de problemas no seio da sociedade brasileira, de tal magnitude que não há setor inatingido por uma absoluta falta de esperança. De tudo, o que mais amedronta é a falta de credibilidade nos administradores públicos, produzindo uma generalização para o descrédito em tudo o que é público. Apesar desse sentimento negativo espalhado pela população é precisamente no setor privado onde tem havido os maiores desarranjos, como o último estouro no mercado de capitais provocado pelo "investidor" Nagi Nahas.

É sabido que o problema não repousa num processo público ou privado. Em qualquer setor, no Brasil de hoje, havendo ambiente propício para um ato desonesto, ele fatalmente ocorrerá. A degeneração de princípios não escolhe áreas. A degeneração moral é de ordem global, não se localiza em setores ou ambientes específicos. Para no ar o espírito do "salve-se quem puder".

Este clima de desconforto, que atinge todas as camadas sociais, tem trazido consequências graves para as estruturas de sustentação do desenvolvimento do País. Em algumas delas, não só está havendo a estagnação como já começamos a identificar sinais de involução, isto é, aquilo que há anos passados parecia progredir ou acompanhar o que acontecia no mundo desenvolvido agora regride.

Um dos exemplos mais ilustrativos dessa situação é identificado no setor educacional. O cidadão comum encontra evidências de que o ensino sofreu violentamente os efeitos da crise geral. Todos reclamam da "qualidade do ensino", sem maiores considerações sobre o que sejam as deficiências ou sobre as razões para a sua existência. Também independe do nível onde essa situação acontece. Da pré-escola à pós-graduação, todas padecem da baixa qualidade e nenhum sinal aponta para uma possível restauração desse processo que, contrariamente ao que se deseja, é negativamente progressivo.

Recente estudo (Gatti, Basso, Bessa e Neubauer da Silva) publicado na edição nº 16 da revista **Educação e Seleção**, da Fundação Carlos Chagas, revela que o problema da "qualidade" nas escolas particulares é pior do que nas escolas públicas: "Análises sobre escolas particulares em São Paulo mostram que, na verdade, são piores do que as escolas públicas (...). A maioria das escolas particulares - é preciso que se diga isso - possui baixíssimo nível (...). É preciso acabar com o mito de que a escola pública é pior do que a escola particular. A escola pública é pior do que a escola particular. A escola pública está pior do que algumas poucas escolas particulares. No Rio de Janeiro a situação é semelhante,

o mesmo ocorrendo no Rio Grande do Sul".

Embora as falácias sobre o problema da qualidade do ensino não possuam ressonância nos meios técnicos educacionais, no meio leigo continua a ilusão de que o simples fato de um estabelecimento de ensino ser privado impõe a possibilidade de melhor qualidade, ou de que o fato de ser público traduz deficiência de qualidade. Não é bem assim. Existem três fatores essenciais que determinam a qualidade do ensino. Primeiro, o nível sócio-econômico do alunado - fatores como alimentação, higiene, assistência dos pais, conforto material em casa, oportunidade de lazer, acesso a bens culturais, etc., incluem-se aqui. Segundo, nível do professor - incluindo-se a formação profissional, o bem-estar material, o acesso a cursos de aperfeiçoamento e atualização, o apoio institucional, a satisfação salarial, etc. Finalmente, as condições materiais do estabelecimento de ensino - o conforto dos alunos e professores, salas de aula adequadas, biblioteca bem aparelhada, laboratórios apropriados, áreas de lazer, etc.

Se esses fatores forem reunidos positivamente, não há muita dúvida quanto à boa qualidade do ensino. Inversamente, se se agruparem de forma negativa, haverá, necessariamente, um ensino de baixa qualidade.

É interessante notar que são poucos os estabelecimentos de ensino, públicos ou privados, que reúnem todos estes fatores de maneira positiva. Entretanto, têm sido mais visíveis os cerca de cinco por cento das escolas particulares de elite que têm boa qualidade, não havendo menções às escolas públicas de mesmo nível e nem às escolas particulares de baixo nível. A propaganda nos meios de comunicação, em virtude da competição comercial, expõe apenas o lado particular do ensino. Até mesmo porque a escola pública não pode fazer publicidade - por falta de necessidade e de recursos a isso destinados. Mas é verdade também que os meios de comunicação têm veiculado com certa frequência a grande deterioração das escolas públicas da periferia urbana nacional. Um verdadeiro palco de degradação, absolutamente compatível com a própria miséria humana que existe nessas localidades. Aqui não são apenas as escolas que têm deficiências. São as próprias comunidades que se encontram em plano de inferioridade. É o reflexo claro da péssima distribuição de renda imposta pelo nosso sistema econômico, cruel e muitas vezes rotulado de selvagem.

Ao lado disto, enfrentamos o problema do sucateamento acadêmico. A universidade tem sido a base da preparação dos recursos humanos brasileiros. O desenvolvimento de um sistema universitário competente, voltado para as verdadeiras necessidades nacio-

nais, levaria a esperança de prover os outros graus de ensino com pessoal competente, capaz de manter níveis elevados de eficiência.

Mas o 3º grau brasileiro não vem cumprindo esse papel. Talvez aqui tenhamos um dos maiores problemas do nosso sistema educacional. Além de não existir claramente uma definição do sistema de 3º grau, ele se encontra dividido em duas formas incongruentes. O sistema privado, funcionando de forma empresarial, absorve 75% do alunado, cerca de 1.200.000 alunos, e a rede de universidades públicas, que funciona como academia, absorvendo 25% do alunado, cerca de 400 mil estudantes, atuam de maneira absolutamente desencontrada. No primeiro, a finalidade precípua é "formar" pessoal. E fornecer um diploma. Quase sempre as atividades do 3º grau privado desenvolvem-se no período noturno, para uma clientela majoritariamente de pessoas que trabalham durante o dia. Os professores, por sua vez, fazem do magistério noturno um "bico". A atividade principal, regra geral, é desenvolvida durante o dia, ficando as horas adicionais de trabalho no ensino noturno como complementação salarial. Esta uma das razões para a baixa qualidade do ensino privado de 3º grau e também para os baixos salários que aí prevalecem.

Por outro lado, a universidade pública, que possui pessoal qualificado academicamente, que exige concurso para o ingresso na carreira do magistério superior, que deveria desenvolver pesquisa para que os recursos humanos em geral pudessem ser permanentemente aprimorados, está vivendo condições absurdamente precárias. Os salários se aviltaram de tal forma que já não há possibilidade do professor trabalhar em regime de dedicação exclusiva, condição essencial para o desenvolvimento da pesquisa para que o conhecimento possa avançar. Se os salários estão deteriorados, também faltam verbas para a manutenção dos equipamentos existentes e mais ainda para a necessária atualização dos diversos laboratórios. Assim vai sendo sucateado o equipamento existente e com a ausência de recursos humanos atualizados vai a sociedade sendo sucateada como um todo. Desmorona a academia, desmoronam os recursos humanos, desmorona a qualidade dos produtos e serviços, desmorona a sociedade como um todo.

É momento de reflexão profunda sobre o que se deseja da sociedade brasileira. Já não podemos tratá-la apenas através da perspectiva de aspectos econômicos e financeiros de interesse das elites.

Luiz Cassemiro dos Santos é presidente da Federação Nacional das Associações de Pais de Alunos (Fenapa)